

O TRABALHO INFINITO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS E SUAS ENCRUZILHADAS

THE ENDLESS WORK OF ETHNIC RELATIONS AND THEIR CROSSROADS

Vanessa Caroline Silva Santos¹

<https://orcid.org/0000-0001-5078-3267>

Danilo César Souza Pinto²

<https://orcid.org/0000-0001-8771-4708>

RESUMO

O objetivo desta comunicação é tecer comentários reflexivos e dialógicos sobre a pesquisa de mestrado concluída recentemente, representada por uma escrita acadêmica e um lugar, e os interlocutores principais, produtores e enunciadores de saberes. Descreve-se um processo de constituição de etnicidades em torno da feitura da feijoada no restaurante Filhinha da Feijoada, dentro do Centro de Abastecimento Vicente Grillo – Jequié/BA. Os estudos das teorias de etnicidades e também teorias de(s)coloniais trazem a jogo saberes, tradições e costumes cujos dispositivos de colonialidade e epistemicídio historicamente apagaram identidades, pertencimentos e conhecimentos não-brancos. A partir de um ponto de vista bem localizado nas pesquisas do Órgão de Educação e Relações Étnicas e dentro de uma perspectiva mais pessoal construiremos um diálogo com alguns interlocutores e autores.

Palavras-chave: Relações Étnicas. De(s)colonização do conhecimento. Feijoada.

ABSTRACT

The purpose of this communication is to reflect and make dialogical comments on our master's research about 'feijoada', a typical dish of Brazilian cuisine. This research describes the ethnicities around the making of feijoada at Filhinha da Feijoada's restaurant, Jequié, Brazil. The researches about theories of ethnicity and decoloniality make us conscious about knowledge, tradition and the customs of a people who had them erased and forgotten. This process is called 'epistemicídio'. Using the research about 'feijoada' and especially what the Afro-Brazilian cook, Nilzete Gomes, told us about the job at the restaurant, we tried to write a dialogue between her and social scientists.

Keywords: Ethnic Relations. Decoloniality. Knowledge. *Feijoada*.

1. INTRODUÇÃO

¹ Licenciada em Letras (UESB), mestra em Relações Étnicas e contemporaneidade (PPGREC-UESB). Jequié-BA. Brasil. E-mail: vanessa.caroline7@gmail.com.

² Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFSCar). Professor Titular de Antropologia (UESB) e do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB). Jequié-BA. Brasil. E-mail: danilosouzap@uesb.edu.br.

Em pesquisa de mestrado/dissertação intitulada *A Prosa é longa e o processo é lento: o legado afro-jequieense* de Dionília Gomes (2020), discutimos a partir da materialidade da feijoada, produzida no Restaurante Filhinha da Feijoada – 50 anos de tradição, localizado no Centro de Abastecimento Vicente Grillo – Jequié/BA, como as etnicidades dos sujeitos envolvidos na pesquisa, quer sejam Nilzete (Zete) Gomes ou os comensais do restaurante, enunciam-se, no *cruzo*³ feito a partir de *rolês*⁴ (RUFINO, 2018) etnográficos. Zete herdou o estabelecimento e o “saber fazer” de sua mãe Dionília Gomes, também conhecida por Filhinha da Feijoada. Sua feijoada apresenta peculiaridades, como a feitura em caldeirão externo a cozinha, o feijão mulatinho e os muitos ingredientes de porco, que juntos dão o rótulo de comida “pesada”, feita para quem “aguenta”, “feijoada de verdade”. Pela pesquisa foi possível contar como a ideia de nacionalidade, criada para dar ares de democracia racial longe de conflitos, utilizou-se de produções culturais massivamente da população afrodescendente tendo como objetivo representar a brasilidade dentro e fora do país, aspecto absorvido e observado na contemporaneidade.

A pesquisa surgiu de um desconforto com relação ao modo como as mulheres negras são descritas na história oficial de Jequié por seus cronistas. Catarina e Quintiliana (ARAÚJO, 1997), as duas únicas mulheres negras que aparecem nos relatos da história fundacional da cidade, são descritas como duas excelentes cozinheiras, competentes, dóceis e servis, ou seja, para além do silenciamento das mulheres negras nessa história, há também a construção de um lugar subalterno a ser ocupado. Na crônica Catarina e Quintiliana não podem falar. Diferentemente, nos relatos e diálogos com Zete, a ideia central em suas palavras é de que é fácil falar de e por ela, mas é difícil estar em seu lugar (“Falar de mim é fácil, difícil é ser eu”). Como nos afastamos das identidades

³ O cruze é visto em Rufino (2018) como uma rasura às formas cartesianas de percurso de pesquisa que são lineares ou devem obedecer a determinados enquadramentos em teorias brancocêntricas e epistemicidas. Para nós, cruze é o que se faz com a encruzilhada que nos deparamos na pesquisa.

⁴ Rolê aqui é utilizado tanto para designar as idas a campo, pois a fase anterior às observações participantes constituíram-se mesmo como um rolê, dar uma volta, “flanar” (de flaneur, aquele que perambula), perambular pelo Mercado de forma mais despreziosa possível. Também em Rufino (2018) vamos encontrar a categoria rolê sendo utilizada por ele para designar as idas e voltas na teoria/metodologia das macumbas nos mais diversos campos de estudo.

engessadas criadas pelo olhar do eu-branco-hegemônico? E, mais do que isso, como as encruzilhadas da pesquisa possibilitam a emergência de processos menos automáticos a partir categorias no campo em relações étnicas? Todo o exercício etnográfico e descritivo possibilitado só o foi pela emergência de uma voz/discurso de reflexão a partir da encruzilhada, que entendida em sua multiplicidade de lugares, permitiu os rolês etnográficos e teóricos por muitos lugares físicos e discursivos.

2. ENCRUZILHADAS

Falando dessas encruzilhadas físicas e imateriais, não desejamos concluir a discussão, mas afro-filosofar na diáspora em movimento neste exato momento. Como demonstrado ao longo da pesquisa (SANTOS, 2020), é possível perceber as etnicidades sem que contemporaneamente se tenham os grupos étnicos primordiais organizados em nichos, com fronteiras geográficas bem definidas e em relações de atrito, de afastamentos e aproximações como debate uma extensa tradição teórica nas teorias da etnicidade (POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 2011). Demonstramos que ao longo do texto citado que é possível pensar etnicidades nas relações que os sujeitos estabelecem no dia a dia a partir de seus saberes e legados específicos – algo que já vem sendo feito nas pesquisas realizadas pelo Órgão de Educação e Relações Étnicas - ODEERE. Porém, quando uma identidade é enunciada desde fora, levando em conta os estereótipos criados, é que o conflito se instaura e os mitos da mãe preta e sua extrapolação, a democracia racial e a “brasilidade”, deixam-se narrar. Durante a pesquisa Zete, proprietária e cozinheira do restaurante apresenta o seguinte relato: “ele falou assim pra mim ‘bicho osado é preto”, referindo-se a uma situação na qual um cliente branco que proferia reiteradas falas racistas, refere-se a ela após sua demonstração de indignação. Observa-se ainda que se compartilhem iguarias culinárias, modos de fazer e comer, não há uma conversão automática de igualdade entre partes etnicamente conflituosas, nem mesmo algum “nivelamento”.

Pensando nisto, imagens são enunciadas, as multidões e a Hidra⁵ se evidenciam em alguns discursos. Foi um tal presidente da Província em 1837 (após a Revolta do Malês) quem disse não ser preciso recear, “pois tudo estava sendo feito para que a hidra não levante o colo” (SCHWARCZ E STARLING, 2015, p. 258), mediante um pensamento racial para a objetificação máxima dos grupos de forma a dominá-los. Expressam-se no relato de Zete e neste exemplo aquilo que podemos pensar como um tipo de malêsfobia⁶, ou simplesmente o pavor das diferenças nas multidões em uma ou várias nações que se constituíram a partir da identidade nacional apagando a diversidade a partir de estereótipos homogeneizantes. Entretanto, destarte o repelir pelo racismo, os legados e saberes transpõe barreiras simbólicas e materiais, tendo certa “capacidade de enfeitiçar, e até de alucinar”, como nos fala Mbembe (2014) sobre a negritude. Desta forma é que com o passar dos tempos vão sobrevivendo feijoadas e acarajés a partir dessas culturalidades, memórias e legados que se negam a morrer, e na manhã, seus sujeitos, trabalhadoras e trabalhadores autônomos, resistem e constroem saberes e legados.

Destarte, as narrativas apagadoras e silenciadoras criadas, há quem queira ver a história dos “seus/suas” sendo contada:

Dona Filhinha é um mito na nossa felicidade aqui, é uma história que tem que ser conquistada, e alguém tem que lembrar dela [...]. Tem tantas pessoas especiais na vida da gente, tantas pessoas importantes da nossa cidade que parte pra outra vida e ninguém lembra, ninguém ó, conta sua história, a sua trajetória [...]. Bora falar da nossa história, quem foram os mais vividos da nossa história aqui, que ajudou a cidade a crescer a criar... (Relato do interlocutor Maciel, freguês antigo do restaurante)

Assim, de paó alumiar a encruzilhada, pergunto-me sobre os pontos cegos: o que não estamos conseguindo perceber e [d]enunciar? Por isso tangenciar sempre, não estabilizar o movimento, a não resposta (FERNANDES, 2015), a encruzilhada... Pois há outras feijoadas, outros processos de devir, todos fogem à equação “um só povo, um só deus...”. Todos fogem à estabilidade

⁵ Hidra ou Hidra de Lerna, monstro lendário da mitologia grega. Ver STEPHANIDES & MICHAEL (2005).

⁶ O termo foi pensado por um dos autores, Vanessa Caroline Silva Santos, para designar o receio que as classes dominantes demonstram ao longo dos séculos de colonização e de colonialidade para com a auto-organização dos grupos étnicos negros, afro-brasileiros ou africanos.

adquirida na ciência com o tempo, as categorias utilizadas precisam de novos maquinários (MACHADO, 2015) e movimentos (Exu) de vida.

3. PODEMOS FALAR?

Ao Sankofar⁷ na encruzilhada, percebemos os ventos da mudança de Oyá sacodindo a poeira do tempo e mostrando, enunciando aquilo que estava oculto na história. Ainda sem fechar a discussão, questionamos: qual a legitimidade em justificar a autoridade científica a partir de certos lugares de fala? Tal qual provoca Grada Kilomba em muitos de seus contextos de enunciação, não tenho respostas prontas, quero me dedicar a fazer as perguntas. O que nos motiva a pensar nisso é certa intuição que encontrou ressonância nas teorias do grupo de pesquisa “Modernidade/Colonialidade”. Noutra giro, situo a pesquisa pensando de onde parte a produção, ou seja, no Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e contemporaneidade, dentro do ODEERE – Órgão de Educação e relações étnicas.

Nesse percurso, não linear, pelo contrário, encruzado e entroncado, articularam-se os não-ditos e as vozes afrodescendentes para me fazer perguntar também quais os efeitos da narrativa sobre as africanas Catarina e Quintiliana para a epistemologia e história construídas sobre as mulheres negras afro-jequeenses e pensar em devires possibilitados a partir da história de vida de Nilzete e Dionília Gomes, que borre a homogenia narrativa e abra outras discussões. A linguagem tem, portanto, o poder de fazer viver e fazer morrer (CARNEIRO, 2005). É quando a boca dos/as negro/as fala, que borram as exo-definições criadas: “Quem é Zete... Falar de mim é fácil, difícil é ser eu...”, quando a interlocutora principal da etnografia reflete sobre si, e quando Zete diz o que diz parece estar sintetizando afro-filosoficamente sobre a histórica

⁷ Pensava o movimento Sankofa durante toda a pesquisa cujo ato principal foi me debruçar sobre os descaminhos presentes na crônica Catarina e Quintiliana citada. Posteriormente, lendo *Um Exu em nova York de Cidinha da Silva* (2019), me deparei com a seguinte fala de Wanderson Flor Nascimento: “Nesses encontros, nos ladeamos com outra memória, exuzilhada, sankofada, olhando, desde nosso presente, a outros tempos e a vários lugares que narram nossa história” (p. 11). Nascimento está pensando essas categorias decoloniais como parte de uma forma de olhar para o mundo que temos nós, adeptos de religiões de matriz africana. Sankofa como signo e emblema é isto: voltar e buscar aquilo que deixamos para trás. Falar das mulheres negras na contemporaneidade, por tanto, é preciso ser feito a partir de uma abordagem sankofada.

impossibilidade de falar pelo outro. Seu enunciado implode a ideia de representação, ou o argumento de que suas experiências e mesmo ela estejam aqui de fato representadas quando não apenas descritas. Longe de pensar uma representação vazia e essencializada, percebe-se a incapacidade das categorias de informar sobre quem são as pessoas.

Sendo assim, pensando as representações possíveis, como se (des)constroem pessoas a partir da escrita? Pensando uma episteme, uma série de estudos voltados para os legados africanos e afro-brasileiros presentes em Jequié e na região sudoeste, estão por, de certa forma, descortinar a história. Enunciam-se mulheres negras afro-jequeenses produtoras de cultura e não somente produtos dela. Essas, como Zete, têm noção da tarefa longa deste vendaval que se quer causar visto ser “a prosa longa e o processo lento”, como ela se refere ao processo de pesquisa e de entendimento. Dessa forma cria-se nas encruzilhadas da pesquisa a perspectiva odesiana adotada, pensando Odé como o caçador, pai do conhecimento, aquele que aprende, educa, ensina a caçar conhecimento nas matas dos saberes, fugindo das armadilhas da colonialidade. A encruzilhada fêmea que se apresentou no campo, a impossibilidade de respostas finais, medidas cartesianas de fechar o assunto, entrega o lugar que é de entroncamentos de matrizes e raízes culturais diversas. Entretanto, percebe-se a sobreposição da cultura dominante, ao ser seduzida por aquela que pensa que domina (SODRÉ, 2005), ela lhe escapa abrindo caminhos outros. Agora, parafraseando Beatriz Nascimento, todas queremos falar, e numa boa.

4. ODEERE, ETNOCULINÁRIA E A DE(S)COLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A “caça” é elemento enunciador de etnicidades (SANTANA, 2014), referencial ancestral, está presente no próprio nome dado ao espaço físico/órgão de onde uma série de pesquisas em relações étnicas têm saído. O enunciado através dessas palavras propõe então pensar o que nos leva até ODEERE e a relevância desta pesquisa naquele lugar. Nesse caso particular trata-se do entendimento de etnicidades enunciadas através da produção, feitura,

comercialização e consumo da feijoada e, para demarcar, a importância da alimentação como um processo que promove significados vários em seu entorno. Além do mais, urge a necessidade de pensar as formas de alimentação como propiciatórias ao corpo, ara (JUNIOR, 2014), cujo passar dos tempos evidencia novas formas de se alimentação, menos tradicionais. O corpo como lugar de execução do dispositivo de colonialidade é alvo das novas formas de se alimentar, agregando outros significados, e também enfraquecendo relações entre as pessoas e o ato de se alimentar. Dionília Gomes é lembrada pela solidariedade exercida na cidade de Jequié, visto não ter em seu trabalho/negócio apenas a relação mercadoria/lucro. Eliane, sua filha, conta que descobriu no acontecimento da morte de Filhinha, pessoas que dependiam de seu feijão, doado, vendido mais barato ou fiado; era Filhinha também que priorizava as crianças das companheiras de serviço: “pode dar café aos meus meninos aqui”, como nos conta Maciel sobre a relação estabelecida com Filhinha desde o início.

Levamos em conta na pesquisa não somente aspectos do campo de estudos chamado ora de “etnoculinária”, ora “antropologia da alimentação”, mas traçamos a história da iguaria nas ruas onde foi e é vendida, as narrativas produzidas sobre ela, o que aponta para metodologias de pesquisa diferentes, visto ter utilizado a etnografia enquanto teoria a ser construída a partir de rolês (RUFINO, 2018), uma interpretação produzindo reinterpretação dessa iguaria com maior e mais significativa presença das pessoas que a produzem e consomem falando sobre ela. Em se tratando da Etnoculinária, foi notável que grande parte das produções bibliográficas desse campo partem de lugares de enunciação hegemônicos, em detrimento de autores como Manuel Querino, autor negro que além de partir do mesmo lugar de enunciação dos sujeitos produtores do conhecimento que ele descreve, também se destaca pela presença da pesquisa de campo como prática metodológica em seus estudos. Querino buscou fugir ao “rigor metodológico”, para ele era preciso se desvencilhar inclusive das nomeações e das categorias criadas dentro da ordem colonial (CARBONI E MAESTRI, 2012, p. 94) como, por exemplo, o status jurídico escravo.

O estudo das relações étnicas não indica, ao contrário do mito da democracia racial, que haja relações simétricas entre os grupos étnicos, mas pelo contrário, centraliza-se principalmente nos conflitos e dissensões existentes entre eles. Porque nem toda guerra é bélica, mas também é guerra do ponto de vista da hegemonia do conhecimento histórico, da hegemonia linguística, política, jurídica, sexual e de classe. É desses conflitos que uma tal ordem das coisas veio se emoldurar como modelo, e o papel contraditório do sincretismo cultural é questionado, mostrando-se ao mesmo tempo que estratégico, também reificador da cultura dominante e dos aspectos cognitivos da colonialidade - embora essa cultura esteja sobre os joelhos trêmulos de seu Atlas neste momento observando a conjuntura e se movendo na surdina para evitar a queda, o fim do mundo de que fala Fanon (2008).

Hoje, no *rolê*, ou giro epistêmico da ciência podemos ler sobre a existência de outros pontos de vista a partir de outros lugares de enunciação, conferindo legitimidade e autoridade, giro esse chamado também de giro decolonial, giro epistêmico (MALDONADO-TORRES, 2007), embora prefira o termo *suleamento* (NZERI E RIBEIRO, 2019) que descentra a cultura intelectualóide dominante. A contribuição desses setores para os debates de relações raciais e étnicas é evidente e partindo da sua chegada às salas de aula, com práticas curriculares de fato antirracistas ao avanço de políticas públicas de reparação histórica vide leis 10.639/03 e 11.645/08, certos lócus de produção científica contam e apoiam a chegada de outros sujeitos e seus lugares legítimos de enunciação. Nesse sentido, performance linguística é lida como componente das etnicidades, como rasura dos processos de apagamento e preconceitos linguísticos à torto e à direita (SANTOS e SOUZA, 2019). Na fala da principal interlocutora está a nossa economia linguística performada no português afro-brasileiro/vernáculo negro. Por isso a escrita aqui e da dissertação citada foi também um exercício de escrita antirracista e afrodiaspórica, afi(n)ando nossa língua, ensinando a transgredir, como orienta bell hooks.

Pelas (des)razões elencadas, colocamo-nos em busca daquelas mulheres que encaram a rua cotidianamente perpetuando além de ícones e iguarias, frentes de resistência a colonialidade dominante. A pesquisa funcionou como termômetro das mudanças e permanências na sociedade jequeense, de

práticas antigas que venham a tomar estatuto de legados afro-jequeieenses ao questionarem as narrativas sobre a feijoada enquanto ícone de identidade nacional. Também mostrou a cara daqueles que fazem e comem esse tipo de comida de rua, embora como defende Zete, a feijoada seja “comida caseira” e acrescento, vendida na rua e fonte de um saber local[izado], contraposto à categorização da rua como lugar de perigos enquanto o interior da casa é o lugar da segurança patriarcal, segundo autores como Gilberto Freyre e Roberto DaMatta⁸.

Querino (1928)⁹ elenca uma série de iguarias africanas, afro-brasileiras e de outras origens, diz que as iguarias portuguesas foram “melhoradas” e modificadas pelo regime africano. Sobre a feijoada, argumenta que o marco geográfico da feijoada é o Rio de Janeiro, lá onde o feijão utilizado é o preto, entretanto a preferência pelas ruas da Bahia sempre foi o feijão chamado de “mulatinho”.

A feijoada de Dionília e Nilzete, com feijão mulatinho e que não é um mero “feijão com carne”, é “forte”, “gorda”, “de verdade” e “pesada”, dando “sustança” para aqueles que labutam ali no Mercado, mulheres, senhoras, muitos homens mais velhos, muitos jovens... Não é, para aqueles e aquelas interlocutoras “comida de escravo” e nem invenção dos portugueses ou das elites, ela é meio de sobrevivência e produção intelectual: “[...] eu sou formada em contabilidade, para dar conta do restaurante, porque se ninguém cuidasse, e minhas irmãs não quiseram, ela [Dionília Gomes] poderia até morrer”, como nos conta Zete sobre o porquê ter mantido o restaurante, após a partida de sua mãe.

Mais que atestar a originalidade e primazia de uma iguaria frente às suas adaptações (gourmet, vegana, etc), há uma contextualidade da feijoada em estreita relação com produtoras/es e comensais. Isso acontece com a feijoada de Filhinha/Zete como também com a feijoada de Ogum, feijoada do Cacique de Ramos, feijoada do Quilombo da Machadinha, feijoada do Oluayê N’Lá, feijoada de Ogum do Orussalê, etc. Produtoras/es são guardiões de conhecimentos legítimos que discursivamente são usurpados e recontados somente para

⁸ Os autores não foram lidos na íntegra, visto ser mais interessante lê-los sob a ótica de autores que fazem uma leitura crítica do mesmo, a exemplo de Correia (2009).

⁹ Ano da publicação original do livro, três anos após o desencarne de Querino, embora a versão consultada seja a de 1957, constante nas referências.

atestar a superioridade ou a inventividade (Eurekkka¹⁰) de um grupo étnico frente a outros. Esses conhecimentos são também transformados em narrativas que apagam a autoria dos negros, e assim a classe trabalhadora negra produz, mas a ela nada pertence: é do Brasil! E, assim como Peter Fry (1975) deu com “os burros n’água” ao tentar apresentar um prato tipicamente brasileiro no EUA aos seus anfitriões, a feijoada no contexto de estudo nada mais é que uma comida cotidiana que também meus interlocutores estão acostumados desde a infância, solta de rotulações silenciadoras e tendo como “segredo do sucesso” “amor pela família”, nas palavras de Zete, reforçadas pelo legado e compromisso na continuidade do trabalho de sua mãe.

5. ABRAM-SE OS CAMINHOS...

Os nossos saberes são um poço fundo, cheio de segredos, arapucas e tocaias, que quando seco é preciso raspar o fundo, e o que nos move no sentido desse trabalho infinito é a sede pelo conhecimento e o compromisso com uma educação para as relações étnico-raciais. A educação é, de certo, a ruptura também com valores adquiridos na diáspora, pós-escravidão, o valor do trabalho é substituído pela educação e dizem mesmo que a supervalorização desta é uma das maiores ilusões em que já caímos... O trabalho (resultado, o negócio de família, o restaurante) engendrado pelo labor, muda de relevância, reconhece-se sua importância para a família, para as mulheres negras afro-brasileiras, mas as aspirações mudam. É quando fala de Maria Eduarda, sua filha adolescente, que esse caráter das aspirações e encruzilhadas da vida de Nilzete Gomes aparecem. Sua filha não tem o tino para os negócios, além de aspirar uma trajetória dentro da educação formal, rejeitando a história única da emancipação pelo trabalho. Aspiração no sentido ocidental de ascensão econômica, mudança de classe, tendo mais consciência de sua pertença étnica e da valorização de sua pertença e seus traços de negritude. Visões de mundo que coexistem:

¹⁰ Assim como Assata Shakur, e ampliando o espectro em questão, triplicamos a letra k da palavra em referência aos ideais de branquitude ocidental europeia presentes no termo, ela o faz em palavras do inglês norte-americano para se referir à KKK – Ku Klux Klan, seita de ideologia supremacista branca. Eureka, ainda que seja uma palavra de origem grega, esconde sob seu bojo a soberba das descobertas científicas brancocêntricas, dos primeiros colonizadores aos iluministas e supremacistas brancos.

contemporaneidade e o ato consciente de decidir nas vias da encruzilhada entre os caminhos que nos foram empurrados goela abaixo e as possibilidades criadas, a partir do poder de realização que todas temos (Asé). Paralelo à ordem ocidental, coexistia na mesma realidade, outras formas de vida que se fizeram contrapostas ao fazer/deixar morrer das necropolíticas da colonialidade/modernidade. Aqui, a escrita não é o lugar da morte, mas sim o lugar da vida, uma “escrivência” como querem nossas escritoras e intelectuais negras, a exemplo de Conceição Evaristo.

Percebemos também que um devir negro (MBEMBE, 2014) se opera em Jequié a partir de movimentos: estéticos (Negra Ouro¹¹) e políticos, quer seja no teatro ou na poesia e na dança, quer pela fotografia e pelos movimentos jovens de empoderamento; quer seja pela criação de espaços seguros (ALMEIDA, 2018), e desde passos outros nessas encruzilhadas para a construção do conhecimento de(s)colonizador, vide o exemplo do Odeere. Entretanto, sejamos como Sankofa sempre, e voltemos para recuperar aquilo que perdemos: nossas mais velhas possuem saberes a nos ensinar, estratégias a nos fortalecer, estão dizendo “espia, assunta!”. Falando nelas, seus legados estão aqui encruzilhados nos saberes da etnoculinária, nas pessoas de Dionília e Nilzete Gomes. Já a centelha das possibilidades, aquelas que precisamos *Sankofar*, Maria Eduarda é o nosso emblema-sujeito de devir das etnicidades, aquela que nega conscientemente continuar levando a frente o legado, a labuta com a feijoada, posto que para ela vislumbram-se caminhos de estudos não possíveis para muitas meninas e mulheres negras (hooks, 1995). E nesse processo de devir, vultos históricos e feijoadas enquanto amálgama da diversidade são imagens em vertigem, devaneios sobre identidade e sua manipulação. Mas é preciso descrever e contá-los, pela (des)graça que for. A feijoada não pode ser patrimônio de uma nação que está com as dívidas atrasadas com seu povo. Ela só pode ser legado: saber numa encruzilhada de possibilidades... Abram-se os caminhos.

¹¹ O Negra Ouro é um grupo constituído por jovens negras, universitárias, secundaristas, de diversas origens geográficas e sociais. O grupo busca o empoderamento das mulheres negras a partir da fotografia (com base no relato de Renata Miranda, uma das participantes do grupo). Instagram: @projetonegraouro

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariléa. **Território de afetos**: práticas femininas antirracistas nos quilombos contemporâneos do Rio de Janeiro. 2018. 302p. Tese (Doutorado em História Cultural). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.

ARAÚJO, Emerson Pinto. **Catarina e Quintiliana**. In: Capítulos da história de Jequié. Salvador: EGB Editora, p. 79-81, 1994.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. **A linguagem escravizada**: língua, história, poder e luta de classes. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339p. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2005.

CORREIA, Bruno Celso Vilela. **Mais que uma oferenda**: representações e resistências afro na cozinha brasileira (Recife, 1926-1945). 2009. 141 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História) Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2009.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira. **Axé**: apontamento para uma a-tese de Exu que jamais (se) escreverá. 2015. 343p. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura Comparada). Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2015.

FRY, Peter. **Feijoada e "Soul Food"**: Notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais. In: Para inglês ver – Identidade e política na cultura brasileira. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1975.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. **Revista de Estudos Feministas**, ano3, 2º Semestre, 1995.

JUNIOR, Joel Rufino. Pedagogia das encruzilhadas. **Revista Periferia**, v.10, n.1, p. 71 - 88, Jan./Jun. 2018.

JUNIOR, Vilson Caetano de Sousa. **Ara mi, meu corpo**: alimentação e outros temas afro-brasileiros. Salvador: EDUNEB, 2014.

KILOMBA, Grada. A Máscara. 2. ed. Tradução de Jéssica Oliveira de Jesus. In: **"Plantations: episodes for everyday racism"**. Munster: Unrat, Verlag, 2010.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Pensamento crítico desde a subalternidade: os estudos étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das humanidades e das ciências sociais no século XXI. **Afro-ásia**, Salvador, n. 34, p.105-129, 2006.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. 3.ed. Lisboa: Antígona, 2014.

NJERI, Aza; RIBEIRO, Katiúscia. Mulherismo africana: práticas na diáspora brasileira. **Currículo sem fronteiras**, v. 19, n. 2, p. 595-608, maio/ago. 2019.

QUERINO, Manuel. **A arte culinária da Bahia**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957.

SANTANA, Marise de. Legado africano: palavra enunciativa de simbolismos étnicos. **Odeere**: revista do programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade - UESB. ISSN 2525-4715. Ano 2, número 3, volume 3, Janeiro - Junho de 2017.

SANTOS, Vanessa Caroline Silva; SOUZA, Jurgen Alves de. A influência do contato com línguas africanas na performance do português popular brasileiro. **Revista Mandinga**, v. 3, n. 1, p. 36-50, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLIN, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.